

Contos

“ILUMINAÇÃO” E “O SOM”

BEATRIZ ROTA-ROSSI¹

INTRODUÇÃO

Nave mansa, esqueleto de ferro e aço, pálpebras de veludo, o Teatro Municipal de Santos é um útero bom. Como outros teatros do mundo, ele tem seus fantasmas. Alguns são *habitués* – a bailarina que suspira nas noites de verão deslizando na passarela de iluminação, os personagens das pinturas do *foyer* que tomam vida, o velho, o vetusto piano Petrof que toca sozinho, o Velho da Árvore, o Homem da Capa Preta – considerado, merecidamente, patrimônio cultural do teatro – e tantos outros que amedrontam atores ou surpreendem namorados na escuridão das coxias.

Este conto pertence à série “Os fantasmas do teatro”. Ela nasceu nos anos 90, a partir de muitos papos com antigos empregados: administradores, iluminadores, operadores de som, encarregados de palco, bilheteiros, porteiros, secretárias e serventes. Alguns viram, outros escutaram histórias dos mais velhos, e outros ainda que, se viram ou escutaram, não acreditam. Escrevi os contos com a liberdade que o escritor arranca dos fatos.

Se eu acredito? Claro! Sem dúvida! Mas depois do ponto final, o problema passa a ser seu.

ILUMINAÇÃO

Era tão pequena, mas tão pequena...

– Não vinga! Esse bebê não vinga – pensava a avó, tentando afastar as nuvens negras que insistiam em ocupar sua mente.

Vingou, mas nunca foi uma criança normal. A família se conformou e a rodeou de cuidados,

tentando assim substituir o que a natureza se negava a conceder.

Rafaela – assim se chamava – era inteligente, brilhante mesmo, magrela, pálida, de olhos grandes e negros. Fez balé e natação para desenvolver os ossos que demoravam a espichar. Estudou inglês. Gostava do idioma. Foi atrás de sites para ampliar seus

progressos. Foi assim que deu de cara com a obra de Edgar Allan Poe – alguém tinha postado a última estrofe de “O Corvo”. Procurou o poema inteiro. Era longo demais! Pensou que com um pouco de paciência conseguiria entender o que estava escrito, mas estava difícil. Pediu ajuda ao professor.

– Este poema é muito difícil para você e muito profundo para teus doze aninhos – falou o professor.

– Leia para mim! – quase implorou Rafaela.

O professor leu. A menina empalidecia à medida que a voz avançava no ritmo alucinante das palavras. Pouco compreendia, mas a batida final de cada estrofe a fazia tremer.

Quando o som do último verso – *Shall be lifted - never more!* – se perdeu entre as carteiras da sala vazia, ficou em silêncio, deslumbrada.

Com a meticulosidade de um arqueólogo, dedicou-se a ler poesias. Marcava encontros com elas nas bibliotecas que passou a frequentar pontualmente. Já não lhe bastavam as buscas no computador, queria vê-las impressas nas folhas dos livros, sentir-lhes o cheiro, acariciá-las. Por vezes, as recitava nas festas familiares.

– Aquela em inglês – lembrava a mãe – aquela que você tanto gosta! Aquela do poeta famoso...

Ela não se fazia de rogada. Procurava um ponto qualquer no espaço para fixar o olhar e começava. Os presentes, sem entenderem nada daquelas palavras cujo som lhes lembrava as letras de rock, retinham a respiração, fascinados. As primas, embaladas no

encanto da voz da menina – feinha demais para ser invejada – reservavam-lhe generosos aplausos.

*So long as men can
breathe, or eyes can see,
So long lives this, and
this gives life to thee.*

Terminava, voltando de algum lugar misterioso no espaço. Tímida, mordida um sorriso.

Será que Shakespeare imaginaria que numa sala do Marapé, numa cidade portuária, arrancaria lágrimas de uma plateia que não entendia patavina do que ele escrevera?

Aos quinze anos, Rafaela entrou num grupo de teatro amador.

Cláudio a conheceu quando ela ensaiava uma peça no Teatro Municipal.

– Uma colagem poético surrealista – explicava o diretor míope e gorducho. Criada com a participação do grupo, incorporando pesquisas teóricas a experiências de laboratório, reciclando performances, optando pela integração do patético bilateralismo autor-ator e vice-versa.

Estranha dramaturgia onde conviviam ignorando o enlace, Lorca e Cazuzza, Gilberto Braga e Mayakovsky, com forte tempero de autoajuda.

– O cara, além de míope, é presunçoso – pensou Cláudio, enquanto subia as escadas para entrar na cabine de luz.

Era técnico de iluminação. Terminada a afinação das luzes, só esperava o momento em que o mundo pareceria girar na ponta dos feixes dos refletores. Com sua luz, um texto medíocre ganhava mistério; um gesto impreciso, definição; uma deixa engasgada, rigor. Nos programas não aparecia

seu nome. Não recebia os aplausos que usurpadores de plantão agradeciam. Não se importava.

E não me lançarei no abismo, e não beberei veneno, e não poderei apertar na têmpera o gatilho. Afora o teu olhar nenhuma lâmina me atrai com seu brilho.

Cláudio espiou surpreso pela janela da cabine para descobrir de onde nascia essa voz.

*Afora teu amor
Para mim
Não há sol.*

– Tá melhor, Rafaela – vociferou o diretor, amarelado por noites de insônia.

– Tá melhor, Rafaela – arremedou Cláudio – Como, melhor? Está perfeito!

– Essa menina é incrível! – pensou – Quem a fez assim, atriz, capaz de dizer do amor o que ainda nem deve conhecer. Tão miudinha! Cor e ritmo exatos para cada fala. Vibração perfeita para cada pausa. Tão parca de gestos!

Rafaela mal tinha tido tempo de viver, quanto menos de amar como mulher ama. Tinha vivido amores de faz de conta. Colagens do ator do último filme (adorava cinema) com a imagem sonhada do último poeta.

– Não está mal – dizia o diretor, enquanto espremia uma espinha que apontava em sua testa, cego ao sorriso faminto de reconhecimento.

Cláudio esperou por ela nas escadarias do teatro. Ofereceu-lhe carona na bicicleta. Desapareceram noite adentro, ela na garupa, ele desenhando sinuosidades no asfalto com pedaladas preguiçosas.

Assim eram vistos todas as noites, rasgando neblinas com o farol da bicicleta.

Ele abriu as portas de seu reino para Rafaela.

Espalhou acetatos sobre a mesa, sobre o colo, sobre o chão... Ela abria o sorriso, esquecida de mordê-lo, perdida a timidez, pintava de cores o palco.

Aprendeu a criar desertos, tempestades, caminhos de luz que se perdiam no infinito. Quando os carregadores apareciam no tablado empurrando o velho e brilhante Steinway como um féretro, Rafaela, cúmplice do esforço, seguia-os com o canhão de luz, iluminando-os. Eles agradeciam com profundas reverências, convertidos de pronto em atores de uma cena marcada nos mais precisos detalhes.

Cláudio falava da luz como se abrisse ensinamentos de uma seita secreta – dissolver, abstrair, chapar, contrastar, inventar técnicas com a parafernália de cabos e refletores, para alcançar independência e perfeição estética.

Acionava o master de controle, e o zumbido característico da energia invadia a cabine.

– É a água – dizia ele – o palco está sendo iluminado pela água. É fantástico! Quando estive na usina da Ilha Solteira, levei um tapa! Me senti deste tamanho. Tanta força! Pensei em São Paulo à noite, toda iluminada, como se estivesse alagada de luz, submersa na luz da água. Sempre que escuto esse zunido, me lembro daquela força toda. Eu a sinto passar por minhas mãos! Eu a vejo desembocar nos refletores!

Rafaela escutava, fascinada. Continha a respiração, e sua mente

se perdia nas quedas d'água, nas turbinas e na complicada engrenagem que transmutava água em luz.

Ela gostava de andar pela passarela dos *spots* do alto do palco. Ia de um lado ao outro. Arrastava um dos pés para girar o corpo quando chegava às extremidades. Sentia os refletores balançando mansinho sob seus passos. Descia antes que o metal das treliças começasse a esquentar, e tudo virasse um inferno com o calor das luzes. Lá embaixo, a escuridão do teatro a esperava, como um útero pronto a parir o aplauso.

Cláudio a amava, mas não era bom com as palavras. Decidiu escrever uma carta a Rafaela com a única linguagem que conhecia – a das luzes.

Varou a noite escrevendo. Dobrou o palco de tamanho, numa combinação de claridades duras e difusas. Buscou significados com camadas e mais camadas de sombra e luz se sobrepondo, dialogando umas com as outras. Deleitou-se com texturas inusitadas. Do console, como fonte, nascia a evocação de um dia de sol ou um entardecer sonolento. Temperaturas de cores falavam de momentos vividos só por eles dois. Deu-se por satisfeito quando a claridade do dia já invadia o *foyer*. Desligou o último cone de luz.

A carta, escrita em oitenta mil *watts* e destinada a estrear o amor, estava condenada a encontrar o silêncio.

Rafaela morreu nessa mesma noite.

Cláudio continuou com seu trabalho, engasgado com sua carta subitamente estancada.

Uma noite, como tantas outras, bateu o ponto e saiu. Carlão, o porteiro, e Edson, o sonoplasta, o acompanharam até o estacionamento das bicicletas, tentando distrair o passado com comentários do dia a dia. Terminado o ensaio, componentes de um grupo de dança saíam pelas portas laterais da plateia. Uma bailarina retardatária guardava o figurino na mochila, quando um leve movimento na passarela de luz chamou sua atenção.

– Esperem! Não me deixem só! Pelo amor de Deus, não me deixem sozinha! – conseguiu articular baixinho, e logo depois gritou:

– Tem alguém andando na passarela! Eu escutei! Eu vi! Juro! Eu vi a sombra deslizando, a passarela se mexendo... Juro! Olha aí como balança! Olha!

Carlão e Edson, que escutaram os gritos, voltaram para acudir a moça.

– Calma, moça! Calma! Deve ser um funcionário da limpeza querendo pregar uma peça em vocês. Só pode. Ninguém sobe a essa hora na passarela!

Cláudio viu os bailarinos agrupados num canto da plateia olhando embasbacados para cima.

Deixou-se cair numa poltrona do cenário. Escutou Carlão gritar:

– Quem está aí? Não tem graça, cara! Saia já, ou chamo a polícia!

– Tá vendo os refletores? Eles estão balançando! – insistia a bailarina.

– Chame os guardas, Carlão. Não estou gostando nada disso! – comentou Edson.

Foram organizadas buscas.

– Acendam todas as luzes. As dos camarins, também! – gritou um guarda.

– Mas o que é que a gente está procurando? Aqui não tem nada! São chilikues de bailarina. Isso é que é – falou outro guarda.

– Parou! Parou...! Acho que parou – gritou alguém.

– Parou! Falei que parou! Não tem mais barulho de passos.

– Como vai saber, com esta balbúrdia?

– Eu falei que não era nada!

– Havia alguém andando daqui para lá nos refletores. Eu vi tudo balançando! Eu estava no proscênio quando começou – soluçava a mocinha.

– Nunca houve ninguém! Eta gente medrosa, acreditam em contos de fadas! – falou o coreógrafo, que tinha ficado estrategicamente apoiado perto da porta de saída.

– Apaguem as luzes, gente – gritou o Carlão – Ou vocês querem ensaiar mais um pouco?

– Precisa, não. Eu, hem? Por hoje fica assim mesmo – respondeu o coreógrafo, e saiu escorregando nos tapetes gastos, atropelando o contrarregra, que gritou:

– Esperem por mim!

Carlão e Edson não deram pela falta do Cláudio. Carlão saiu por último dando uma olhada para certificar-se de que tudo estava em paz. Seus passos se perderam pelo corredor dos elevadores, quando outros passos voltaram a encadear o silêncio da noite – avançavam num leve deslizar e voltavam. Os refletores balançavam suavemente.

Agora, com o teatro em silêncio, um terceiro som compunha ritmo e

melodia. Era um suspiro, quase um lamento monocórdio, como se nascido da boca de um sax. Uma tentativa de articular palavras, alimentada pela brisa que se filtrava por uma fresta aberta sobre a ribalta.

Cláudio levantou da cadeira. Pegou uma lanterna esquecida na boca de cena. Testou-a e constatou os limitados recursos de sua lâmpada. Ampliou, desfocou e estreitou o fecho de luz e com ele direcionado à suave concavidade do ciclorama começou a escrever.

Os passos se detiveram. Reiniciaram depois de uma breve pausa, necessária para entender palavras e frases escritas em luz. Saltitavam expressando o júbilo, deslocavam-se em seguida, com um ritmo calmo, um leve deslizar pelas traves de ferro.

O suspiro foi mudando de matizes. Silenciava, para em seguida traduzir cada palavra iluminada. Sussurros acharam rimas para as respostas. A cada golpe de brisa, murmuravam carícias. Ritmo e melodia nasciam da passarela. Um poema-sorriso emoldurando os murmúrios. Cláudio tentou reter o instante. Congelar a resposta, roubar do tempo a cavidade côncava iluminada, onde a sombra da passarela balançava delicadamente. Improvisou um *Post Scritum* para evitar o ponto final. Inútil. A luz imobilizou a sombra. O sussurro se alargou escapando pelas treliças da sofita, até desaparecer com a brisa rumo às estrelas.

Lá embaixo, a escuridão do teatro – um útero pronto para gestar o aplauso.



O SOM

Aconteceu num sábado, à
tardinha.

Newton deu os últimos retoques
no cenário e entrou no camarim três,

onde dona Lydia e Lourenço o
esperavam com um cafezinho
passado na hora. Fazia um calor
insuportável. Vistas da janela, as

árvores imobilizavam o tempo entre suas folhas estáticas. O sol torrava os morros antes de mergulhar pela encosta rumo ao oeste. Da rua, barulho nenhum. No Teatro Municipal, nenhuma voz. Nem o elevador que habitualmente protesta sua carga parecia existir. Em seu lugar, o silêncio do poço adormecido. A não ser pelo constante gotejar dos pingos de suor sobre os rostos, poderia se pensar que calor e silêncio engoliram a vida.

– Que calor! – ia dizer Newton, para dispersar o vapor de silêncio que os invadia, quando um som seco fez estremecer a sofita.

– Deve ser um cabo que se soltou – preferiu dizer, temendo por dona Lydia, que não podia levar sustos.

– Será o cabo da gambiarra? – perguntou Lourenço.

O barulho foi tomando diferentes direções até encontrar espaço e ritmo certos.

– Não é um cabo, disso estou seguro – Lourenço deixou a frase no ar como que esperando uma resposta vinda do chão do urdimento, onde o barulho cadenciava uma deixa – o rangido de uma cadeira de balanço.

– É alguém se balançando lá em cima – disse dona Lydia, enquanto seguia pelo corredor em direção ao palco, acompanhada pelos dois rapazes que tentavam agir naturalmente.

Não seria a primeira vez que aconteciam coisas estranhas.

– E esse calor! Se pelo menos corresse um ventinho! – comentou Lourenço.

– É a vara de iluminação. Eu vou dar uma olhada. Se for algum idiota querendo pregar uma peça na

gente, vai se ver comigo – Newton tirou os sapatos para galgar a escada com mais rapidez e deixou-os cair. Bateram no chão em surdina, como se o calor os tivesse convertido em caldo de borracha.

Dona Lydia e Lourenço ficaram olhando por algum tempo para a escada e depois voltaram para o corredor, onde ela se sentou na sua cadeira de vigia. Começou a rezar em voz alta, procurando esquecer assim o rem-rem que gemia na sofita.

Newton subia, tentando evitar arranhões dos canos enferrujados do corrimão. Mas estava mais preocupado com dona Lydia. Ultimamente, o coração da servente andava falhando, e qualquer susto seria perigoso.

Ele tinha certeza de que o ruído não era de um cabo solto empurrado pelo vento, já que vento não havia. Sem dúvida, acharia o culpado.

Chegou ao quinto andar pulando degraus. De onde a escada se interrompe, à altura do sexto andar, observou o corredor obscuro e todas as portas fechadas.

O rem-rem continuava acima do urdimento. O som crescia à medida que Newton encurtava a distância que os separava.

Tirou a camiseta ensopada de suor.

Agora, o vaivém podia ser identificado com clareza. Eram som e ritmo de uma cadeira de balanço. Solta no tempo. Marcando segundos com exatos compassos – dois tons agudos nos extremos do rangido e um grave que os enlaçava. Sem pausas. Só um frio e inexorável ranger. Cada novo som deixando para trás o anterior em tediosa continuidade.

Newton percebeu que estava contando os passos – cento e vinte e dois, cento e vinte e três... Realizando um jogo infantil de esconjuro.

– Vou pegá-lo pela escada de dentro. Agora não tenho dúvida de que o som vem do sétimo andar, onde estão os compressores do ar condicionado. Sentiu um calafrio dedilhando sua coluna vertebral. No entanto, não era medo. Não saberia identificar a sensação que produzia essa certeza de um encontro indesejado, marcado à revelia. Quem saberia dizer onde e quando?

No sétimo, uma luz esverdeada desenhava um cone aberto, do vitrô ao chão. Feição fantástica de um palco alternativo. Os compressores, abruptas presenças no andar vazio, pareciam flutuar silenciosos como navios à deriva.

Newton percebeu que sua respiração, tão miúda, desandava. Um disparate!

O rem-rem o desafiava a fazer parte de um dueto num compasso maquinal e monocórdico. Quando estava por aceitar a provocação, decidiu vestir a camiseta. A umidade fria e pegajosa do tecido o trouxe à realidade. Caminhou decidido pelo estreito corredor que conduz ao urdimento. Acendeu a luz. A lâmpada estava queimada. A porta da sofita estava fechada. No lugar do trinco quebrado havia um buraco de bordas irregulares, de onde vazava uma luz mortiça, mas com uma incrível força de atração. Fez um esforço atroz para não se deixar engolir por aquele buraco que se abria e fechava como uma boca sem rosto. Newton mexeu o corpo. Os músculos doíam. Pesavam toneladas. Tentou respirar fundo.

Subiu mais um andar até a caixa d'água, de onde podia contemplar o céu, já sem sol. A cidade acendia as primeiras luzes. No horizonte sem trinco, uma imensa boca a chamá-lo. Desceu determinado.

Diante da porta fechada, pensou:

– Quer que bote o dedo no buraco! Eu, hem? Pode esperar!

Achou uma ripa jogada no chão. Meteu-a nos lábios pretos da porta, mas ela não abriu.

O rem-rem parou, criando um silêncio insuportável. Desejou a volta do rangido. Soube que a hora do encontro estava próxima. Começou a empurrar a porta que, apesar dos esforços, não cedia. Do outro lado, alguém anulava a intensidade de seus impulsos. Apoiou seu corpo contra ela e abandonou todo seu peso. A porta se abriu. Foi atingido de frente por uma ventania gélida. Rodopiou com ela, pisando nas treliças, sem atinar onde se segurar. Quando ficou de pé, esperou para dominar a tontura que o dominava. Sentiu a presença de alguém às suas costas. Virou-se. Distinguiu uma capa preta revoando pelo corredor e uma bengala em riste como uma espada, perdendo-se escada abaixo.

O coração de Newton optou por voltar à sua tarefa, rimbombando em suas têmporas. Deu uns passos inseguros e logo depois viu-se escorregando escada abaixo, andar por andar, e só então recuperou a plenitude de sua respiração.

– Era o cabo, meu filho? – perguntou dona Lydia, recebendo-o ao pé da escada.

Newton olhou para ela, tão irreal com seu guarda-pó azul, vassoura e balde nas mãos.

– É... Era...

– Depressa, meu filho, acende as luzes do palco, que o pessoal já chegou.

– Quem?

– O pessoal da peça! – respondeu ela, intrigada com a expressão do rapaz. – Que foi, Newton?

– Nada. Tô legal. Mas já chegaram? Tão cedo?

– É. Chegou um cara. Deve estar no palco. Vê se ele precisa de alguma coisa.

– Só um?

– O resto da companhia, não vi. Devem ter entrado pelo *foyer* – acrescentou, passando a língua pelo

lábio superior – Que calor! Liga o ar condicionado, meu filho!

Esta frase levou Newton a imaginar o sétimo andar onde os compressores navegavam à deriva.

– Dona Lydia, me diga, como é esse cara? É um ator?

– Sei lá – respondeu a mulher buscando em sua mente detalhes que lhe pareceram fundamentais – um homem alto. Sem dúvida um ator com figurino de época. Capa preta, bengala... Só que – interrompeu a descrição e correu à coxia parando em frente ao palco obscuro e vazio.

– Só que... não tinha rosto!

¹**Beatriz Rota-Rossi.** Professora titular das disciplinas de História da Arte, Cultura Brasileira e Humanidades nos cursos de Produção Multimídia, Jornalismo, Publicidade, Arte e Moda da Universidade Santa Cecília de Santos. Como artista plástica, mostrou seus trabalhos em museus, salões e galerias no Brasil e no exterior. Sua obra forma parte de vários acervos em diferentes museus nacionais e internacionais. Incursionou na literatura na década de 70 com o livro **Varal**, contos e crônicas sobre Paraty, edição da autora. A partir do ano de 1989, retomou o gosto pela escrita. Com apoio e edição da Secretaria de Cultura de Santos, publicou **Traços e Tramas da Arte Santista** junto à Dra. Maria Lúcia Godoy, e **Os fantasmas do Teatro**, contos e crônicas sobre o Teatro Municipal. Coordenou a publicação de **Um Novo Centro de Cultura**, pesquisa histórico-iconográfica sobre o acervo da Secult Santos. Pela Editora Unisanta, publicou cinco **Cadernos de Arte – Do Impressionismo ao Dadaísmo**, com a colaboração da artista plástica Simone Marie Wagemaker. Com ilustrações de Mariângela Lessi Rabello, publicou o conto **Âmôai, Uma Possível Lenda** e, pela mesma editora, a biografia do artista plástico Alex Vallauri: **Alex Vallauri Biografia – da gravura ao grafite**. Em 2011, publicou **Noite de Reis**, contos, também editados pela editora Unisanta.